



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS

RESSOCIALIZAÇÃO DE MENORES INFRADORES DA UNIDADE DE INTERNAÇÃO
DE SÃO SEBASTIÃO ESTIMULADOS PELA PINTURA

Fábio de Oliveira
Brasília
2014

Fábio de Oliveira

RESSOCIALIZAÇÃO DE DETENTOS DO COMPLEXO PENITENCIÁRIO DA PAPUDA
ESTIMULADOS PELA PINTURA

Monografia apresentada ao Instituto de
Artes da Universidade de Brasília, como
requisito parcial para a obtenção de título
de licenciado em Artes Plásticas

Orientadora: Prof^a Dr^a Thérèse Hofmann
Gatti R. Costa

Brasília

2014

“Não há nenhuma prisão no mundo na qual o amor não possa forçar a entrada” Oscar Wilde

SUMÁRIO

Prefácio-----	1
1. Introdução-----	3
2. Justificativa-----	4
3. Direitos Humanos, Origem e Evolução. -----	6
3.1. Prisão-----	9
3.2. Lei de Execução Penal-----	9
3.3. Ressocialização-----	11
4. Psicologia da Arte-----	13
4.1. Lev Semenovich Vygotsky-----	14
4.2 Sigmund Freud-----	15
4.3. Carl Gustav Jung-----	15
4.4. Nise da Silveira-----	17
4.5. Arteterapia-----	20
5. Jackson Pollock-----	22
6. Ateliê Experimental de Pintura Expressiva na Unidade de Internação de São Sebastião-----	26
7. Conclusão-----	28
Anexo-----	30
Referencias Bibliográfica-----	31

PREFÁCIO

Em direção ao centro é o caminho do desenvolvimento constante. As vibrações psíquicas do humano atuam em vários níveis e sentidos inter-relacionando com as demais forças externas. Elevando a qualidade dos pensamentos atuamos de forma mais positiva na vida. O autoconhecimento constitui a principal via para atingirmos a estabilidade pessoal, e toda busca no caminho da espiritualidade é uma tentativa de encontrar sentido. Presente nas religiões a mandala foi criada como um instrumento de meditação representando a interação do macro e microcosmos. Mandala (मण्डल) é a palavra sânscrita que significa centro. Ela representa o universo criando um campo de poder nas energias lá instaladas, considerada o espaço de Deus o que Carl Gustave Jung¹ chamou de SELF.

Minha produção artística prossegue livremente seu caminho, cruzando as fronteiras da mente liberando as emoções, sensações, sentimentos e lembranças que inspiram imagens acidentais, sendo estas as mais reais, uma vez que não são modificadas pelo pensamento consciente. Em um intenso mergulho no subconsciente extraio imagens de lá, que através dos seus símbolos revelam profundos conteúdos internos.



Figura 1
Mecanismos Internos
Óleo/tela, 100x120cm
(2014)

¹Psiquiatra e psicoterapeuta suíço fundador da psicologia analítica

A pintura é a minha linguagem preferida. Pintar me faz sonhar, permite diversas possibilidades de me organizar e reorganizar internamente. Levando a vida com mais prazer torna o cotidiano mais leve, menos árido. Entrar em conexão com as lembranças da infância, as alegrias e frustrações, deixam marcas na tela, produzindo formas, signos e símbolos que remetem a imagens pessoais e impessoais e geram respostas, como uma chave de desbloqueio dos conflitos internos.

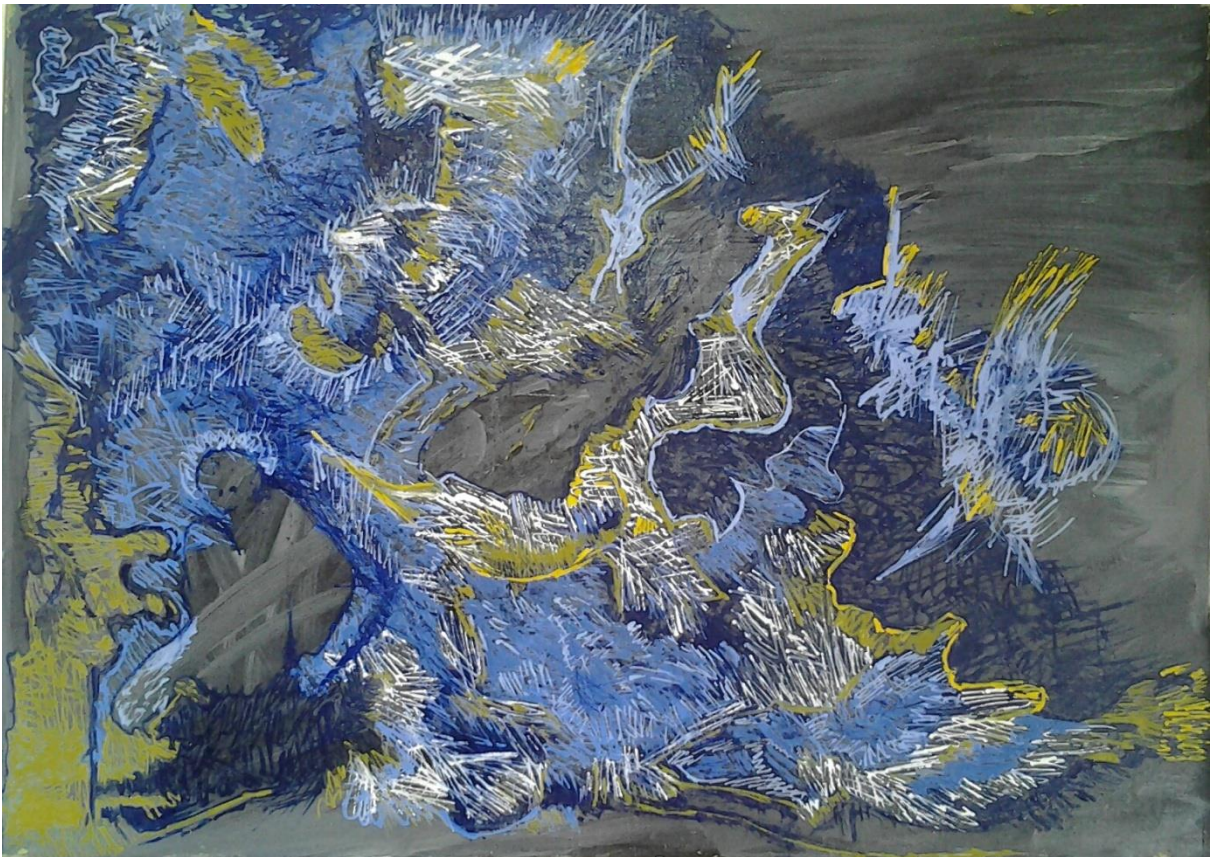


Figura 2
Assombrações alcoólicas
Óleo/tela, 50x70cm.
2014.

A escolha pela tinta óleo se dá pela alta plasticidade do material que permite manipular as cores por longos períodos de tempo gerando um intenso fluxo de pensamentos, sentimentos, sensações, emoções e lembranças que emergem das profundezas da psique detectando que os aspectos inconscientes também fazem parte da nossa ação no mundo. A consciência se hiperdimensiona até atingir estados oníricos e alterados abrangendo o inconsciente e tudo mais que escapa a razão. A exteriorização das emoções criativas com imaginação e pintura multiplica a experiência no constante desenvolvimento da personalidade.

Os ritmos do corpo, emoções, pulsões preenchem a tela, entregue à pintura escorre nas tintas e pinceladas as experiências e os desejos nessa profunda compreensão de si e do outro sem a preocupação com o olhar de quem quer que seja. Minhas pinturas são uma franca confissão de mim, a arte é uma obsessão pela vida e como somos seres humanos, nossa maior obseção somos nós mesmos. Forte expressão de sentimentos e emoções sem existir um comprometimento com a realidade externa, mas com a natureza interna, a esfera produtiva é o inconsciente, os signos são o prolongamento do meu interior. É a representação da força psicológica através das cores, na pincelada por vezes agressiva e nas formas distorcidas em uma expansão para outra temporalidade onde o ato e o produto constituem a obra e o pensamento.

1. INTRODUÇÃO

Resultado da reflexão temática de uma experiência didática realizada na Unidade de Internação de São Sebastião², esta pesquisa buscou verificar o papel da produção artística e suas ações efetivas no processo de ressocialização. Diante da necessidade de minimizar os efeitos perniciosos da privação de liberdade infundidos no ânimo e no comportamento dos internos, a reflexão de ateliê experimental tendo como base a integração social do condenado e a humanização da pena de prisão, objetivo máximo da Lei de Execução Penal.

Foi possível constatar com o funcionamento de plano de aula na Unidade de Internação o despertar do interesse dos internos nas oficinas realizadas, evidenciado na afetiva participação e envolvimento com as atividades propostas. As oficinas proporcionaram aos internos a oportunidade de exteriorizarem suas emoções por meio da participação espontânea nas atividades onde exploraram o desenho e a pintura expressiva como objeto capaz de colocá-los em posição de assumir o papel de reconstruir sua identidade sociocultural resgatando valores éticos e morais, abrindo possibilidades de comunicação consigo mesmo e com o outro reconhecendo- se como sujeito cidadão.

Impera na sociedade uma visão de que as prisões são jaulas para trancafiar delinquentes, pois todos são uma ameaça para a sociedade. Uma das principais causas da violência e da formação do caráter marginal onde a sociedade não pode ignorar é “que 95% do contingente carcerário, ou seja, sua esmagadora maioria é oriunda da classe dos excluídos sociais, pobres, desempregados e analfabetos, que, de certa forma, na maioria das vezes,

² O centro de Reeducação do Menor Infrator (CRMI/CESAMI) fica localizado no Complexo Penitenciário da Papuda na rodovia DF - 463 km 04.

foram “empurrados” ao crime por não terem tido melhores oportunidades”.³ Os indivíduos que estão sob a tutela do Estado cumprindo a sanção penal são tratados de forma inapropriada segundo os Direitos Humanos, sem que sejam ouvidos e as suas necessidades atendidas. Assim o início do texto trata dos Direitos Humanos, pois acredito que o estudo dos Direitos Humanos interessa a todas as áreas da ciência, porque não se faz ciência sem afetar os Direitos Humanos sendo assim essencial a proteção desses direitos. O caderno monográfico prossegue abordando os temas Prisão, Lei de Execução Penal e Ressocialização. Sendo a prisão o local fechado que recolhe as pessoas privadas de liberdade por condenação; a Lei de Execução Penal o ordenamento jurídico que rege os direitos e deveres que envolvem o Estado e o condenado e a Ressocialização apresenta-se como a principal função da Lei de Execução Penal proporcionando de forma digna a integração social do detento.

Em um segundo momento a pesquisa trata do tema psicologia da arte onde a criação artística aparece como instrumento poderoso no processo de ressocialização dos apenados. Abrindo em seqüência um dialogo com os ensinamentos do psicólogo Lev Semenovitch Vygotsky, com o criador da psicanálise Sigmund Freud, com o medico psiquiatra Carl Gustav Jung e a sua psicologia analítica, a doutora Nise da Silveira que coloca em pratica no Centro Psiquiátrico D. Pedro II o atelier de terapêutica ocupacional e o pintor Jackson Pollock com sua pintura intuitiva que dialoga com a psicologia junguiana em seus desenhos psicanalíticos.

2 JUSTIFICATIVA

O Sistema Penitenciário brasileiro mergulhado numa crise histórica não consegue dar respostas à sociedade por não realizar de forma eficiente sua função central, a ressocialização dos apenados. Condição que expõe as fragilidades dos direitos fundamentais revelando as faces da violência em nossa sociedade. O violento cotidiano de agressões aos Direitos Humanos dentro e fora dos presídios marcam as publicações da imprensa nacional.

O Complexo de Pedrinhas no Maranhão vem sendo tratado pelos especialistas como "a bola da vez" do Sistema Penitenciário Nacional. Após registrar mais de 60 assassinatos, diversos motins, rebeliões e decapitações no período de um ano, a unidade é o foco da atenção nacional e motivo de disputas políticas. (Kawagut, BBC, Brasil. 20/01/2014)

... A auxiliar de serviços gerais morreu depois de ser atingida por bala perdida durante operação policial de combate ao tráfico de drogas na região no domingo (16). Testemunhas contaram que Claudia foi colocada no porta-malas do carro da polícia para ser levada ao hospital. No entanto durante o trajeto o porta-malas abriu e a auxiliar de serviços caiu, sendo arrastada pela rua. A PM abriu inquérito para investigar os fatos e informou que os policiais estavam sendo ouvidos. ... Para a família, a dor se mistura à indignação. "A sensação é que no morro, na favela, só

³ A realidade atual do sistema penitenciário brasileiro (de Assis Damaceno)

mora bandido, marginal. Insegurança, somos tratados como animais", diz um amigo de Claudia.(g1.globo.com, 1/05/2014)

O excluído, desafiado das instituições sociais e também da vida econômica é uma produção social, devido à precarização das relações em seu meio social, provocada pela fragilização dos seus vínculos sociais. Encontra-se excluído do contexto social, pois não obteve condições estruturais de inclusão.

Esse desenvolvimento anômalo não se manifesta apenas nas privações que produz e dissemina, manifesta-se também, nas estratégias de sobrevivência por meio das quais os pobres teimam em fazer parte daquilo que não os quer senão como vítimas e beneficiários residuais de suas possibilidades. Nessas estratégias nem sempre compatíveis com o bem comum, no recurso aí ilegal e aí anti-social por parte das vítimas, a sociedade inteira é alcançada e comprometida nas compreensíveis ações de sobrevivência daqueles aos quais ela não oferece a apropriada alternativa de vida. Porque não nos iludamos, o capitalismo que se expande à custa da redução sem limites dos custos do trabalho, debitando na conta do trabalhador e dos pobres o preço do progresso sem ética nem princípios, privatizar ganhos nesse caso injustos e socialização das perdas, crises e problemas sociais. Por diferentes caminhos, essas deformações se disseminam penalizando a todos e não só alguns, até mesmo aos principais beneficiários desse modo de produzir e acumular riquezas.⁴

Baseado em literatura, a exclusão do contexto social é uma denúncia aos efeitos que desumanizam o processo capitalista de produção, que ao reduzir a maior parte da população trabalhadora tanto no que se refere à disponibilidade de trabalho como no usufruto dos bens produzidos gerando marginalização e miséria. Não é somente na privação da maioria dos trabalhadores aos bens produzidos que se caracteriza a miséria na atual sociedade capitalista, essa miséria se estabelece também na reificação do trabalhador e na sua marginalização em relação ao sistema. Diferentes estratégias de sobrevivência que nem sempre estão de acordo com a ordem social estabelecida é o que resta a essa classe marginalizada

A desumanização do trabalhador provocada pela sociedade e seu sistema capitalista de produção, onde o principal objetivo é o acúmulo de riquezas a qualquer custo, traz para a sociedade conflitos de ordem econômica, social e política, cujas principais expressões são a violência e o medo. "a partir de 1985 houve um aumento considerável da violência em nossa sociedade, o que provocou um sentimento coletivo de medo e insegurança e as prisões não constituem instrumentos de reeducação de cidadãos condenados pela justiça"⁵.

Encontrar maneiras de enfrentar esta violência e diminuir seus prejuízos sociais é essencial na luta pela construção de uma sociedade justa, principalmente quando vivemos em uma sociedade insegura e desprotegida com o aumento dos homicídios, latrocínios, seqüestros, estupros e da violência de modo geral. O profundo abismo gerado pela distribuição desigual de renda distanciando as classes mais altas das mais baixas, produzindo obstáculos e gerando dificuldades para o Estado em atender as demandas de sua

⁴ (Martins 2008, p. 10-11).

⁵ (Adorno, 2000, p.99)

responsabilidade é o verdadeiro responsável por essa terrível explosão de violência que assistimos impotentes pelos veículos de mídia.

Cria-se um sistema de “deuses” que podem “ter tudo”, com os quais a plebe é convocada a se identificar. Mostrando como alguns desperdiçam no luxo o que retiram dos que trabalham e que faz falta a família destes, quer-se provocar admiração com o que poderia excitar inveja e rancor. Ainda que a massa seja idiota a ponto de aceitar isso, gera-se ainda mais insatisfação. Uma minoria de pobres opta pela espoliação ilegal de quem tiver algo, e a isso se chama então de crime, enquanto a maioria opta por apostar na vida eterna e na loteria, por consumir drogas ou sonhar com a fama, esperando fazer assim parte da minoria privilegiada.⁶

Acreditar que com o aumento da repressão e o encarceramento em massa é que haverá ordem e paz social é um grave equívoco, pois cada indivíduo que passa pelo sistema penitenciário e sofre todos os tipos de agressões e humilhações quando retorna ao convívio social traz consigo toda a revolta e violência que o sistema prisional moldou em sua alma. Dessarte reforçar nas instituições penais a prática que se propõe a reeducar os internos deve ser o eixo norteador das ações socioeducativas dentro dos presídios, já que somente com reais oportunidades de reinclusão social é que será possível construir novas pontes que nos transporte para um futuro em que a dignidade humana prevaleça.

Utilizando dos ensinamentos do psiquiatra e psicoterapeuta Carl Gustave Jung e da médica psiquiatra Nise da Silveira o presente trabalho pretende corroborar com a elaboração de estratégias a fim de atender as demandas sociais onde o reeducando possa se reintegrar a sociedade de forma digna e honrosa capaz de desenvolver o aprendizado adquirido na unidade prisional em sua vida pós-cárcere com o objetivo de reduzir a reincidência.

3. Direitos Humanos, Origem e Evolução.

O desenvolvimento dos Direitos Humanos foi um processo histórico e gradativo. Assim a consagração de tais direitos é fruto de mudanças ocorridas ao longo do tempo na estrutura social, bem como de diversas lutas e revoluções. Foi um processo lento marcado por avanços e retrocessos. Ciro⁷, o grande, ao conquistar a Babilônia liberta os escravos e concede igualdade racial e liberdade religiosa a todos, gravando essas regras no cilindro de Ciro, dando origem aos direitos humanos. As revolucionárias idéias de Ciro espalham-se rapidamente para a Grécia, Índia e Roma, passando a ser chamada de Lei Natural⁸. Na passagem da Baixa para a Alta Idade Média começa a ganhar força à idéia de limitação do poder dos governantes e a partir do século XI, há um movimento de reconstrução da unidade

⁶ (Nietzsche. Fragmentos do espólio. Brasília ED UNB, 2004. Prefácio de Flávio Kothe. P. 24).

⁷ Rei da Pérsia entre 559 e 530 a.C.

⁸ “o Direito Natural clássico dos gregos compreende uma concepção essencialista ou substancialista do Direito Natural: a natureza contém em si a sua própria lei, fonte da ordem, em que se processam os movimentos dos corpos, ou em que se articulam os seus elementos constitutivos essenciais.” (Antônio Braz Teixeira. Sentido e Valor do Direito: Introdução à Filosofia Jurídica, p. 126)

política pedida com o feudalismo. Na Idade Média a sociedade organizava-se em ordens ou estamentos e a noção de direito subjetivo estava ligada ao conceito de privilégios.

Nas revoluções burguesas a difusão do Direito Natural impõe limites ao poder real e é neste contexto que surgem as primeiras declarações de direitos inspiradas no direito natural; na Inglaterra, o *Habeas Corpus Act* de 1679 e o *Bill of Rights* de 1689; nos Estados Unidos, a vibrante frase de Thomas Jefferson⁹ na Declaração de Virgínia de 1776 transformou-se em uma duradoura proclamação dos Direitos Humanos. “Consideramos estas verdades evidentes por si mesmas, que todos os homens são criados iguais, que são dotados pelo Criador de certos direitos inalienáveis, entre os quais está a vida, a liberdade e a busca da felicidade. Treze anos mais tarde quando a Bastilha caiu, em julho de 1789, e a Revolução Francesa começou para valer, a necessidade de uma declaração oficial ganhou impulso e os deputados franceses depois de infindáveis debates aprovaram a sua Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão. O documento em sua simplicidade impetuosa, sem mencionar a nobreza ou a igreja, declarava que “os direitos naturais, inalienáveis e sagrados do homem” é a pedra fundamental de qualquer governo. Com a Revolução Francesa brilha a aurora de uma nova era de liberdade e razão encarnando a promessa de direitos humanos universais. Os homens são possuidores de direitos inatos cabendo ao Estado protegê-los. Essas declarações consagram os direitos de primeira dimensão.¹⁰ A elaboração das constituições Mexicana de 1917 e a de Weimar em 1919 é que surgem os direitos de segunda dimensão¹¹. Um novo modelo de estado, o Estado Social de Direito, ele deve proporcionar condições mínimas de vida com dignidade, garantir os direitos sociais, econômicos e culturais.

Século marcado por convulsões bélicas, crises econômicas, mudança sociais e culturais e progresso técnico sem precedentes (mas não sem contradições), o século XX é, muito mais que o século anterior, a era das ideologias e das revoluções. É, portanto, um século em que o Direito público sofre poderosíssimos embates e em que à fase liberal do Estado constitucional vai seguir-se uma fase social.¹²

Após a II guerra mundial é criada a Organização das Nações Unidas (ONU), tendo como principal missão a preservação da paz entre os povos. A Declaração das Nações Unidas

⁹ Thomas Jefferson foi o terceiro presidente dos Estados Unidos, e o principal autor da declaração de independência dos Estados Unidos da América

¹⁰ “(...) são, neste sentido, direitos humanos de primeira geração, que se baseiam numa clara demarcação entre Estado e não-Estado, fundamentada no contratualismo de inspiração individualista. São vistos como direitos inerentes ao indivíduo (...)”. LAFER, Celso. **A reconstrução dos direitos humanos: um diálogo com o pensamento de Hannah Arendt**. 6. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 126

¹¹ “(...) são os direitos sociais, culturais e econômicos bem como os direitos coletivos ou de coletividades, introduzidos no constitucionalismo das distintas formas de Estado social, depois que germinaram por obra da ideologia e da reflexão antiliberal deste século. Nasceram abraçados ao princípio da igualdade, do qual não se podem separar, pois fazê-lo equivaleria a desmembrá-los da razão de ser que os ampara e estimula”. BONAVIDES, Paulo. **Curso de direito constitucional**. São Paulo: Malheiros, 1993. p 517.

¹² MIRANDA, Jorge. Manual de direito constitucional. 3. ed. Rio de Janeiro: Coimbra Editora, 2000, t. 4, p. 88.

em 1948 reafirma a auto-evidência dos direitos humanos. “O reconhecimento da dignidade inerente a todos os membros da família humana e de seus direitos iguais e inalienáveis é o fundamento da liberdade, da justiça e da paz no mundo.” Em seus 30 artigos, a Declaração fixou, pela primeira vez em nível internacional, os direitos humanos. Ela define os direitos pessoais, direitos judiciais, as liberdades civis, direitos de subsistência, direitos econômicos, direitos sociais e culturais, direitos políticos.

Os direitos de terceira dimensão consagram os princípios da fraternidade. Para Paulo Bonavide ¹³, esses direitos são “dotados de altíssimo teor humanístico e universalidade, não se destinam a proteção de um indivíduo, de um grupo, de um determinado Estado, tem primeiro por destinatário o gênero humano, num momento de sua afirmação como valor supremo em termos de existencialismo concreto”.

Onde começam os Direitos Universais? Em pequenos lugares, perto de casa, tão pertos, e tão pequenos que eles não podem ser vistos em qualquer mapa do mundo. No entanto, eles são o mundo de cada pessoa; o bairro em que ele vive; a escola ou universidade que ele frequenta; a fábrica, a fazenda ou escritório em que ele trabalha. Tais são os lugares onde cada homem, mulher e criança procuram justiça, igualdade de oportunidade, igualdade de dignidade sem discriminação. A menos que esses direitos tenham significado lá, eles tem pouco significado em qualquer outro lugar.¹⁴

Aqueles que lutam contra a discriminação, a pobreza e tortura são pessoas comuns, livres de pensamento e recusam-se a ficar calados diante da covardia. Os direitos humanos são escolhas que fazemos diariamente, estão no topo do ordenamento jurídico, são a expressão de muitas lutas sociais pela emancipação. Definidos como patamar civilizatório ao convívio social. São universais, pois, todos têm exatamente os mesmos Direitos Humanos.

¹³ BONAVIDES, Paulo. Curso de Direito Constitucional. 19ª Edição, São Paulo: Ed Malheiros, 2006, p. 569.

¹⁴ Eleanor Roosevelt, 1948.

3.1 Prisão

Prisão, do latim *prensione*, tanto significa o ato de prender, de deter, de capturar o indivíduo, como o local onde o sujeito fica retido, preso¹⁵. É o local em que o condenado cumprirá sua pena, servem como sinônimo de prisão os termos: cárcere, penitenciária, presídio ou cadeia. São três as finalidades que a prisão possui; proteger a sociedade dos elementos nocivos aos interesses sociais garantindo que a ordem prevaleça, garantir o andamento da justiça impedindo que o suspeito obstrua a ação investigativa e a forma como o criminoso condenado repara seu ato ilícito. As instituições prisionais têm origem na necessidade de um ordenamento coercitivo que garanta a manutenção da paz no convívio social. É uma imposição inerente ao contrato social.

Prisão, extensivamente, são o local fechado e seguro, destinado a recolher as pessoas privadas de liberdade por condenação ou interesse da justiça. Em sentido estrito, prisão é o cárcere, isto é, o lugar fechado e seguro em que se recolhem as pessoas que devam ser presas. Em sentido geral, porém, designa todo lugar ao qual a pessoa condenada à perda da liberdade deve ser recolhida.¹⁶

A pena privativa de liberdade foi reconhecida no século XVII substituindo a pena de morte e, até o século XVIII surge um grande número de casas de detenção. O panóptico surge no século XVII como controle e isolamento da peste e população doente. Tem como base um conjunto de idéias do utilitarismo centrado na observação e controle o elemento fundamental da intimidação. Foucault constata que esse modelo transbordou a área penal e incorporou-se em diversos outros sistemas aparecendo através do controle eletrônico visual que podemos observar nos bancos, no comércio, na cidade, etc. A arquitetura radial do panóptico permite que uma única pessoa de um local estratégico faça a vigilância da totalidade das celas. É uma arquitetura transparente que expõe o sentenciado, mantendo-o sob o olhar ininterrupto. É o modelo que se difundiu com a passagem do suplício para a penitenciária e desta para a vigilância do olhar¹⁷.

3.2 Lei de Execução Penal

A lei 7.210- Lei de Execução Penal (LEP) no seu primeiro artigo preceitua que: “A execução penal tem por objetivo efetivar as disposições de sentença ou decisão criminal e proporcionar condições para a harmônica integração social do condenado e do internado”. Com isso, o Estado cumpre o papel de punir o criminoso e coibir o surgimento de novos delitos. O Estado ainda deve proporcionar condições de integração social do sujeito que

¹⁵ Farias Junior, Manual de Criminologia 3 Ed, Curitiba 2002

¹⁶ Silva, Vocabulário Jurídico. 26. Ed./ver. E atual por Nagib Salaibi Filho, Gláucia Carvalho, 4. Triage, Rio de Janeiro. Forense, 2006, vol. III. J-p. p. 448

¹⁷ Sá, 1996, p. 100

delinqüiu de forma harmônica fazendo valer o desejo social de justiça e reeducação ao readaptar socialmente o condenado. Com a execução das medidas de segurança, o estado tem como objetivo prevenir o surgimento de novos delitos e combater os elevados índices de violência.

A Execução Penal é um conjunto de deveres e direitos envolvendo o Estado e o condenado para a recuperação deste preparando o seu retorno de forma digna ao convívio em sociedade da qual ele não está excluído, apenas encontra-se em situação diferenciada. “O interno é sujeito de direitos e não se acha excluído da sociedade, mas continua formando parte da mesma, e assim as relações jurídicas devem ser impostas ao condenado tão somente aquelas limitações que correspondem à pena e à medida de segurança que lhe foram impostas”.¹⁸

A constituição federal de 1988 não se posiciona de forma clara em relação à pena, no entanto, vários dispositivos cuidam das garantias fundamentais do cidadão que se encontra sob custódia do Estado. “A execução penal deve respeitar os direitos fundamentais que, em decorrência da constituição federal, são assegurados aos presos, direitos não próprios dos presos, mas que o amparam em decorrência da enumeração básica do art. 5º da constituição federal”.¹⁹ Sendo assim devido aos princípios da dignidade humana, durante o cumprimento da pena o prisioneiro permanece como sujeito de direitos.

Porém, as violentas agressões aos direitos e garantias fundamentais dos indivíduos que estão sob a custódia do Estado retratam que o condenado não perde apenas o seu direito a liberdade que é atingida pela sentença, ele passa a sofrer tratamento desumano, submetido aos mais variados tipos de castigos, levando ao aviltamento de sua personalidade e o aniquilamento de sua dignidade tendo reduzidas as possibilidades de integração social.

3.3. Ressocialização

“Lá, sem ocupação, sem nada para distraí-lo, à espera de na incerteza do momento em que será libertado, o prisioneiro, passa horas ansiosas, trancado em pensamentos que se apresentam ao espírito de todos os culpados”²⁰. Nesta citação de Foucault vemos que o objetivo da ressocialização é a humanização da execução penal a ser cumprida pelo detento e o princípio da humanidade da pena é um dos fundamentos da execução penal e da política criminal nos últimos três séculos. A realidade nos revela o quanto estamos distantes de um sistema prisional minimamente humanizado e que este necessita urgente de mudanças a fim

¹⁸ MIRABETE, 2002, p. 110

¹⁹ Beneti, 1996, p. 59.

²⁰Foucault. Vigiância e Punir, 1975.

de atingir a principal função da Lei de Execução Penal, a integração social e harmônica do detento.

A prisão como encontramos hoje não traz nem um benefício ao condenado, ao contrário, ela produz todos os tipos de atrocidades produzindo o fenômeno chamado dessocializador onde o sujeito exposto a todo o tipo de vícios e desumanidades no aprendizado e desenvolvimento do crime retorna mais violento para a sociedade. “Falar em reabilitação é quase o mesmo que falar em fantasia, pois hoje é fato comprovado que as penitenciárias em vez de recuperar os presos os tornam piores e menos propensos a se reintegrarem ao meio social”²¹

A pena de prisão vai além da simples exclusão e retenção do indivíduo criminoso. A necessidade de ressocialização deste encontra sua finalidade naquela, que orienta socialmente e prepara o seu retorno à sociedade, visando à interrupção do comportamento recorrente. Assim o Estado afasta-se do castigo pelo castigo. Quando o prisioneiro deixa o presídio ele encontra todo tipo de dificuldades e acaba por não ter condições de se reintegrar ao convívio social seja pela falta de trabalho, falta de moradia, família desestruturada, etc., e ainda carregará o estigma de ser ex-presidiário pelo resto da vida.

Não é usual em todos os presídios atividades inerente a ocupação dos internos. Brasília conta com a atuação da Fundação de Amparo ao Trabalhador Preso – FUNAP/DF, vinculada a Secretaria de Estado de Justiça, Direitos Humanos e Cidadania, desenvolvendo programas sociais há mais de duas décadas nas áreas de educação, cultura e capacitação profissional dos internos.

O Programa de Educação na Prisão é um processo de desenvolvimento global para o exercício consciente da cidadania, realizado através da educação de jovens e adultos, por meio de um Convênio com a Secretaria de Estado e Educação do Distrito Federal. Considerando a Educação o pilar de sustentação de todo o processo de ressocialização, atendemos 1.600 (um mil e seiscentos) alunos nos Estabelecimento Penais do Distrito Federal, com a equipe de 69 (sessenta e nove) professores cedidos por meio de Convênio com a Secretaria de Estado de Educação do DF. Participa o preso nas atividades desde a alfabetização até o ingresso no ensino superior, através da Educação de Jovens e Adultos e também da educação pela arte²².

A fundação conta ainda com projetos de assistência social para os internos no Sistema Prisional. O Festival de Arte e Cultura no Sistema Prisional do DF – Fest´art, com objetivo de tornar o sujeito independente podendo levar uma vida criativa estimulando e valorizando a criatividade e a produção artística dos internos. Realizado desde 2004, o Fest'art começou no Centro de Internamento e Reeducação (CIR), mas se expandiu para as outras unidades. O

²¹ De Roure 1998, p.15

²² Site da FUNAP/DF. (<http://www.funap.df.gov.br/programas-e-servicos/sobre-a-funapdf.html#>)

projeto faz parte do projeto pedagógico da Funap, sendo considerado fundamental na área de educação. O evento visa oportunizar aos internos de todos os estabelecimentos prisionais do DF explorarem seus talentos nas modalidades dança música, teatro, desenho e poesia, premiando os três melhores classificados em cada uma dessas áreas²³.

Este estudo centraliza a pesquisa na seção V da Lei de Execução Penal, que trata da assistência educacional em seus artigos de 17 a 21, buscando trabalhar a Arte, mais especificamente em sua linguagem pictórica, no processo de integração social do condenado em consonância com a legislação. Na construção de um Estado justo a educação ocupa a centralidade deste processo, conduzindo o individuo a completar as idéias e formar o homem moral. O Estado deve proporcionar a felicidade para todos os cidadãos e essa responsabilidade comunitária encontra-se no acesso a educação. O educador deve ensinar aquilo que os prisioneiros não têm acesso, o caminho que leva a saída da prisão. Aqui está o cerne e o objetivo de toda educação, ‘proporcionar uma qualitativa mudança de situação de nível de vida inferior para um nível superior, educação esta que é sinônimo de vida automaticamente humana’.²⁴

A assistência educacional deve ser uma das prestações básicas mais importantes não só para o homem livre, mas também àquele que está preso, constituindo-se nesse caso, em um elemento de tratamento penitenciário como meio para reinserção social. Dispõe, aliás, a Constituição Federal, art. 205 “a educação, direito de todos e dever do estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.”²⁵

Tendo em vista que a maioria dos apenados não possui nível primário de instrução a prática educativa mostra-se fundamental no processo de ressocialização já que ela é o meio mais eficaz para proporcionar a evolução pessoal e social. Assim sendo, com o intuito de atingir esses objetivos torna-se necessário uma efetiva política de Estado para proporcionar vida digna aos segregados sociais visando torná-los aptos para o retorno ao convívio em sociedade.

4. Psicologia da Arte

As tentativas de se fazer uma conexão entre arte e psicologia não são recentes. É um campo interdisciplinar que estuda a percepção, cognição e as características da arte em sua produção. Uma das referências teóricas sobre o tema é Lev Semenovitch Vygotsky²⁶ que aborda a constituição social do psiquismo onde a arte esta em permanente relação com a

²³ <http://www2.tjdft.jus.br/noticias/noticia.asp?codigo=14983>

²⁴ Teixeira, 1999, p. 12

²⁵ MIRABETE, 2002, p. 73

²⁶ Psicólogo bielorusso pioneiro na noção de que o desenvolvimento intelectual das crianças ocorre em função das interações sociais

realidade objetiva desenvolvendo sentimentos e outras potencialidades humanas sendo capaz de provocar alterações no psiquismo de sujeitos proporcionando-lhes nova organização psíquica e a elevação do indivíduo particular. A natureza social da arte traz em si uma íntima relação com a psicologia já que a realidade humana é forjada nas relações sociais. Assim ao produzir arte e dela ao se apropriar, funções psicológicas dos sujeitos são formadas e desenvolvidas.

Sigmund Freud²⁷ ao estudar os momentos de loucuras e de comportamentos desviantes de diversos artistas de várias partes do mundo desde a renascença mostra como a arte e a psicanálise estão imbricadas numa relação essencialmente profunda. Seus escritos influenciam os surrealistas que abandonaram a razão para pintar as mensagens vindas do inconsciente como despertou em outros psiquiatras o interesse por trabalhos artísticos de pacientes com esquizofrenias. Para Freud, o homem deve libertar sua mente da lógica imposta pelos padrões comportamentais e morais estabelecidos pela sociedade e dar vazão aos sonhos e as informações do inconsciente.

O suíço Carl Gustav Jung formou-se em medicina pela Universidade da Basileia. Em 1917 publica seus estudos sobre o inconsciente coletivo no livro “A Psicologia do Inconsciente”. A partir daí Jung construiu as bases da Psicologia Analítica. Ele criou alguns dos melhores conceitos psicológicos conhecidos como o arquétipo²⁸ e o inconsciente coletivo²⁹. Para a abordagem junguiana são os símbolos que orientam os indivíduos no curso natural de suas vidas, no processo de autoconhecimento. Estes símbolos emanam do SELF, centro de saúde, equilíbrio e harmonia, a totalidade da psique, o pleno potencial da essência de cada um.

Nise da Silveira é uma lendária brasileira, mulher de grande força e idéias socialistas em pleno Estado Novo, quando foi presa e conheceu no cárcere Graciliano Ramos³⁰ e Olga Prestes, foi a primeira psiquiatra brasileira. Singular personalidade da cultura brasileira a doutora Nise foi uma gigantesca mulher que produziu majestosa obra tornando-a conhecida no Brasil e no exterior – o Museu da Imagem do Inconsciente. Este museu caracteriza-se como um núcleo de pesquisa da esquizofrenia liderado por sua idealizadora que utilizou a expressão plástica para acessar a interioridade dos esquizofrênicos. O museu fundamenta-se na perspectiva teórica da Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung.

²⁷ Neurologista criador da psicanálise.

²⁸ Os conteúdos do inconsciente coletivo denominam-se *arquétipos*.

²⁹ A descoberta do inconsciente coletivo constituiu um marco decisivo na história da psicologia. Esta colocação da psique dentro do processo evolutivo constituiu a suprema realização de Jung.

³⁰ Romancista, cronista, contista, jornalista e político brasileiro do século XX

4.1. Lev Semenovich Vygotsky

Os seres humanos nascem determinados pela cultura, e esta será uma das principais influências no desenvolvimento dos sujeitos onde o contexto cultural é o palco das transformações e evoluções do bebê humano ao idoso. Pela interação social, aprendemos e nos desenvolvemos, criamos novas formas de agir no mundo, amplificando nossa atuação no contexto cultural complexo que nos abriga, durante todo o ciclo vital.

Na Psicologia do Desenvolvimento, de abordagem Sociointeracionista, segundo a qual o desenvolvimento humano se dá com a interação entre parceiros sociais, através de processos de mediação. Vygotsky foi o primeiro psicólogo moderno a sugerir os mecanismos pelos quais a cultura torna-se parte da natureza de cada pessoa e que as funções psicológicas são um produto de atividade cerebral. Enfatizava o processo histórico-social e o papel da linguagem no desenvolvimento do indivíduo. Sua questão central é a aquisição de conhecimentos pela interação do indivíduo com o meio.

O sujeito adquire conhecimentos a partir de relações intra e interpessoais e de troca com o meio, a partir de um processo denominado mediação. Uma abordagem que buscasse a síntese do homem como ser biológico, histórico e social que considera o homem inserido na sociedade e, sendo assim, sua abordagem sempre será orientada para os processos de desenvolvimento do ser humano com ênfase da dimensão sócio histórica e na interação do indivíduo com o outro no espaço social.

A relação entre o na perspectiva sócio-histórica o desenvolvimento e a aprendizagem estão atrelados ao fato de o ser humano viver em meio social, sendo este a alavanca para estes dois processos que caminham juntos. Sendo o desenvolvimento psicológico promovido pela convivência social ele depende da aprendizagem na medida em que se dá por processos de internalização de conceitos, que são promovidos pela aprendizagem social. Para a criança se desenvolver dependerá das suas aprendizagens mediante as experiências a que foi exposta, sendo a escola um espaço e um tempo onde este processo é vivenciado envolvendo diretamente a interação entre os sujeitos.

4.2 Sigmund Freud

O século XX trouxe consigo a inquietante e constrangedora idéia de que o homem racional, iluminista, não sabe de si. A psicanálise nasce problematizando o status da tradição epistemológica centrada na razão, e a questiona como único acesso à verdade, proclamando um sujeito alicerçado em seu inconsciente, nos seus desejos e pulsões. Freud publicou uma extensa obra, durante toda a sua vida, relatando suas descobertas e formulando leis gerais sobre a estrutura e o funcionamento da psique humana. Em 1900, no livro *A interpretação dos sonhos*, Freud apresenta a primeira formulação sobre a estrutura e o funcionamento da personalidade. Essa teoria refere-se à existência de três instâncias psíquicas: inconsciente, pré-consciente e consciente.

O inconsciente é constituído por conteúdos reprimidos, que não têm acesso aos sistemas pré-consciente/consciente, pela ação de censuras internas. É um sistema do aparelho psíquico regido por leis próprias. O pré-consciente é aquilo que não está na consciência, neste momento, e no momento seguinte pode estar. Refere-se ao sistema onde permanecem aqueles conteúdos acessíveis à consciência. O consciente é o sistema do aparelho psíquico que recebe ao mesmo tempo as informações do mundo exterior e as do mundo interior.

Em suas investigações sobre as causas das neuroses, descobriu que a maioria de pensamentos e desejos reprimidos referiam-se a conflitos de ordem sexual, experiências de caráter traumático, reprimidas, que se configuravam como origem dos sintomas. As descobertas colocam a sexualidade no centro da vida psíquica e é postulada a existência da sexualidade infantil. No processo de desenvolvimento psicosexual, o indivíduo, nos primeiros tempos de vida, tem a função sexual ligada à sobrevivência, e, portanto, o prazer é encontrado no próprio corpo. As fases do desenvolvimento sexual são a fase oral, a zona de erotização é a boca, fase anal, a zona de erotização é o ânus, fase fálica, a zona de erotização é o órgão sexual; em seguida vem um período de latência, que se prolonga até a puberdade e se caracteriza por uma diminuição das atividades sexuais, e na puberdade é atingida a última fase, a fase genital, quando o objeto de erotização ou de desejo não está mais no próprio corpo, mas no outro. No decorrer dessas fases, vários processos acontecem e entre eles destaca-se o complexo de Édipo, pois é em torno dele que ocorre a estruturação da personalidade do indivíduo.

Entre 1920 e 1923, Freud remodela a teoria do aparelho psíquico e introduz os conceitos de id, ego e superego para referir-se aos três sistemas da personalidade. O id é regido pelo princípio do prazer ele constitui o reservatório da energia psíquica, é onde se “localizam” as pulsões. O ego é regido pelo princípio da realidade é o sistema que estabelece o equilíbrio entre as exigências do id, as exigências da realidade e as “ordens” do superego. O superego origina-se com o complexo de Édipo, a partir da internalização das proibições, dos limites e da autoridade. O conteúdo do superego refere-se a exigências sociais e culturais e é a moral as funções do superego

4.3. Carl Gustav Jung

A personalidade como um todo é denominada psique³¹ e ela abrange todos os pensamentos, sentimentos e comportamento conscientes e inconscientes. Direciona o sujeito adaptando-o ao ambiente social. Durante a existência o objetivo é desenvolver a personalidade até o mais alto grau possível de coerência, diferenciação e harmonia e zelar para que ela não se fragmente em sistemas autônomos e conflitantes. A psique é composta por numerosos sistemas e níveis diversos e interatuantes.

³¹ Palavra latina que significa originalmente espírito ou alma

A única parte da mente conhecida diretamente pelo indivíduo é a consciência. E a percepção consciente cresce diariamente por força da aplicação das quatro funções mentais que Jung denominou pensamento, sentimento, sensação e intuição. O sujeito não utiliza as quatro funções na mesma proporção; em geral vale-se mais de uma função do que de outras. Além das quatro funções mentais existem duas atitudes que direcionam a mente consciente, são a introversão que orienta a consciência para o interior e a extroversão que orienta para o mundo externo. Uma consciência se diferencia das outras graças ao processo de individuação que desempenha um papel fundamental no desenvolvimento psicológico. E sua meta é conhecer a si mesmo tão completamente quanto possível. O início da consciência é também o início da individuação

A mente consciente se compõe de percepções, recordações, pensamentos e sentimentos e o responsável pela organização é o Ego que desempenha a função básica de vigia da consciência. Ele é altamente seletivo e qualquer idéia, sentimento ou uma lembrança só pode chegar à consciência se o ego reconhecer. A identidade e continuidade da personalidade são fornecidas pelo ego que seleciona ou elimina o material psíquico garantindo a coerência individual.

As experiências descartadas pelo ego ficam armazenadas no inconsciente pessoal, que é o receptáculo de todas as atividades psíquicas fracas para atingir ou permanecer na consciência. É um conteúdo de fácil acesso a consciência quando surge tal necessidade. A possibilidade de reunião de conteúdo para formar constelações é uma importante característica do inconsciente pessoal.

Ao analisar os complexos Jung descobre o inconsciente coletivo, um conceito importante que atraiu a atenção do mundo científico e constituiu um marco decisivo na história da psicologia. A mente herda as características que determinam como uma pessoa reagirá às experiências da vida, chegando até a determinar que tipos de experiências terá. A mente humana é pré-figurada pela evolução conectando o indivíduo ao passado da espécie. Essa colocação da psique dentro do processo de evolução é a suprema realização de Jung.

Os conteúdos do inconsciente pessoal foram em certo momento conscientes, ao passo que os conteúdos do inconsciente coletivo não dependem da vida de um indivíduo. Ele é um reservatório de imagens latentes que diz respeito ao desenvolvimento mais primitivo da psique que é herdado do passado ancestral. Os conteúdos do inconsciente coletivo estimulam um padrão pré-formado de comportamento pessoal que o indivíduo seguirá desde o dia do nascimento.

4.4. Nise da Silveira

A Dra Nise da Silveira acolhia com afeto os seus pacientes e iniciava-os na terapia ocupacional que foi a sua proposta terapêutica. Ela utilizou o conceito de afeto de Spinoza³² sendo este o gatilho ativador do processo de cura. Dra Nise não considerava o valor estético dos trabalhos, no entanto essa incrível jornada de teoria e pratica proposta pela doutora possibilitou o surgimento de um terreno fértil que modificava a condição do individuo retirando-o do estigma de louco para a condição de pessoa que produz arte. O paciente Emygdio foi um impressionante caso desta mudança de situação onde o paciente foi o nome que representou o Brasil na bienal de Veneza. Com o objetivo de conhecer o mundo interno de seus pacientes a Dra. Nise encontra na pratica da pintura poderosa qualidade terapêutica.

As imagens do inconsciente, objetivadas na pintura, tornavam-se passíveis de certa forma e trato, mesmo sem que houvesse nítida consciência de suas significações profundas. Lidando com elas, plasmando-as com suas próprias mãos, o doente as via agora menos fortes e desintegrantes cargas energéticas. (Silveira, s/d, p. 32)

Com muita coragem a Dra. Nise fez oposição à psiquiatria da época recusando-se a aplicar eletro choque nos pacientes comparando o procedimento a pratica da tortura. Ainda combateu veementemente a lobotomia. De espírito pioneiro a doutora buscou novos caminhos para a psiquiatria interessando pela pratica da terapêutica ocupacional que foi introduzida no Centro Psiquiátrico D. Pedro II, pelo doutor Fábio Sodré.

Tratava-se de uma novidade, dado que, em nosso meio, a terapêutica ocupacional era recomendada apenas para o tratamento dos casos crônicos, e Fábio Sodré a defendia também para quadros agudos... Nise entendia que a terapêutica ocupacional, se devidamente aplicada, poderia servir como importante método terapêutico.

Então, em maio de 1946, Paulo Elejade³³ ofereceu uma pequena verba mensal para que Nise reestruturasse a seção de terapêutica ocupacional.

Antes de Nise, este serviço se caracterizava por atividades monótonas e reprodutivas, como varrer o chão, juntar estopa, carregar a roupa das enfermarias até a lavanderia etc. Sob sua direção, esse método foi totalmente modificado. Seu objetivo era entrar em contato com o mundo das pessoas que se encontravam internadas, o que não seria possível através do trabalho mecanizado. Propôs então, atividades expressivas a fim de que fossem atividades de *germes criativos* inerentes não só ao homem, como a toda natureza. (Melo, 2001, p. 59)

A seção de terapêutica ocupacional proposta pela doutora aplica diversas atividades. Algumas possuíam características similares do trabalho com atividades de sapataria, costura e marcenaria. Havia também atividades recreativas como jogos, danças, festas televisão e cinema. As atividades culturais como escola e biblioteca ficavam organizadas em outro grupo,

³² Lima (2009)

³³ Diretor do Centro Psiquiátrico D. Pedro II, nessa época.

e as atividades expressivas, que envolviam pintura, desenho e modelagem formavam o grupo principal de atividades na proposta da terapêutica da doutora. A Dra. Nise destacou as atividades expressivas enfatizando o desenho e a pintura. A livre expressão definiu esse método terapêutico onde os doentes mentais transitando pela da atividade criativa expressavam suas vivências difíceis de serem verbalizadas.

A doutora Nise destacou o desenho e da pintura no processo de reorganização da psique dos indivíduos. E assim ela se expressa sobre a importância dessas atividades:

... Aconteceu que o desenho e a pintura espontâneos revelam-se de tão grande interesse científico e artístico que cedo esse atelier adquiriu posição especial. Era surpreendente verificar a existência de uma pulsão configuradora de imagens sobrevivendo mesmo quando a personalidade estava desagregada. Apesar de nunca houverem pintado antes a doença, muitos dos freqüentadores do atelier, todos esquizofrênicos, manifestavam intensa exaltação da criatividade imaginária, que resultava na produção de pinturas incrivelmente abundante, num contraste com a atividade reduzida de seus autores fora do atelier, quando não tinham mais nas mãos os pincéis. (Silveira, 1982, p. 13/14).

A revolucionária doutora aprofundou-se nos estudos do trabalho de Jung, fazendo destes o referencial teórico que a ajudou a responder o que acontecia nas atividades expressivas do atelier de pintura. Assim ela percebe que as atividades expressivas apresentavam-se terapêuticas já no ato de sua execução. Através do desenho e da pintura as imagens produzidas exteriorizavam as alucinações e delírios dos pacientes permitindo assim que essas situações deixassem de invadir o individuo despotencializando sua carga aterrorizante deixando de perturba o sujeito. Agindo esta forma, como um sistema de defesa bastante eficiente.

A incrível sensibilidade da doutora permitiu-lhe identificar detalhes importantes nessa maravilhosa jornada que foi a seção de terapêutica ocupacional do Centro Psiquiátrico. Ela anotava as frases desconexas, muitas vezes fugidas, que seus pacientes diziam durante as atividades expressivas. Surgiam assim pequenas frestas que apareciam no hermético mundo dos esquizofrênicos graças à aliança entre as expressões verbal e plástica. “O inconsciente é um oceano. De vez em quando a gente pesca uma imagem.” (Silveira, 1993, p. 21)

A observação em série das imagens surgidas no inconsciente revelam as tentativas de reordenação dos pacientes, no turbilhão de sofrimento e caos. Assim apoiada pela Psicologia Analítica de Jung a doutora observa as forças auto curativas na psique que provocam impulsos para a conscientização. Forças que se manifestavam facilmente no atelier de pintura.

Ao criar atelier Nise buscou proporcionar aos seus pacientes a abertura de um canal de comunicação através das atividades expressivas, repousando um atento olhar aos significados simbólicos que emergiam nas produções. No entanto quando as obras dos pacientes

esquizofrênicos começaram a ser reconhecidas quanto aos seus valores estéticos pelos entendidos de arte a doutora não escondia sua satisfação.

Tudo isso me alegrava profundamente. Mas sempre me mantive discreta quanto a pronunciamentos sobre a qualidade das criações plásticas dos doentes. Isso competia aos conhecedores de arte. O que me cabia era estudar os problemas científicos levantados por essas criações. E certamente era um problema científico a investigar o fato de que certos esquizofrênicos, inclusive alguns ditos “crônicos”, exprimissem suas vivências através e formas que os conhecedores de arte admiravam. E, acima de tudo, eu me sentia n dever de ressaltar o aspecto humano desse fenômeno. (Silveira, 1982, p. 16).

Os trabalhos produzidos no atelier de terapêutica ocupacional montado pela doutora Nise estiveram em exposição em fevereiro de 1947. Foram expostas 245 pinturas no salão do Ministério da Educação³⁴, no Rio de Janeiro. A exposição obteve grande êxito chamando para si a atenção de grandes nomes das artes como o crítico Mario Pedrosa que passou a frequentar o atelier de pintura do centro psiquiátrico. A partir daí varias exposições começaram a acontecer despertando o interesse e a admiração de grande número de visitantes que se encantavam com a beleza plástica das pinturas de pessoas que viviam trancadas nos muros de uma triste instituição psiquiátrica.

O primeiro Congresso Mundial de Psiquiatria foi realizado em Paris na década de 1950 tendo como atração uma exposição dos trabalhos de pacientes psiquiátricos de diversos países e a participação brasileira no evento contou com 236 obras de pacientes do Hospital Psiquiátrico do Juquerí, em São Paulo, da Colônia Juliano Moreira e da Seção de Terapêutica Ocupacional do Centro Psiquiátrico D. Pedro II, ambas do Rio de Janeiro.

Os olhares de artistas plásticos foram atraídos pelos trabalhos desenvolvidos pelos pacientes nos ateliers, e com essa visão que não era mais somente o olhar clinico sobre os trabalhos realizados, foi criado em 1952, o Museu de Imagens do Inconsciente, tendo como objetivo fornecer material para pesquisas das series de imagens do inconsciente, possibilitando, desta forma, o desdobramento dos processos intrapsíquicos. As imagens revelam a situação psíquica, gerando um novo olhar para os psicóticos e suas psicoses. A própria doutora fala do surgimento do museu:

A produção do atelier era muito grande, aumentando a cada dia. O agrupamento em series das pinturas levantavam interrogações no campo da psicologia. Começou-se a falar em museu, como órgão que reunisse todo esse volumoso material de importância científica e artística. E, assim, foi inaugurado no dia 20 de maio de 1952, o Museu de Imagens do Inconsciente, cujas raízes estavam nos ateliers de pintura e de modelagem de uma modesta seção de terapêutica ocupacional. Atualmente esse museu é um centro de estudos e pesquisa. (Silveira, 1982, p. 16).

A incansável mulher nordestina que enfrentou todo tipo de oposição e se fez doutora, única na faculdade de medicina de sua época, jogou por terra os dogmas da psiquiatria

³⁴ Edifício marco da arquitetura moderna brasileira, hoje chamado de Palácio Gustavo Capanema.

clássica, colocando nas mãos de pessoas doentes, habituadas ao isolamento e ao sofrimento, tintas e pinceis, dando-lhes carinho e atenção. E, assim, a insistente doutora Nise, em sua transcendental batalha, ainda faria irradiar mais brilho na história da sociedade brasileira quando em 1956, essa grandiosa mulher fundou em Botafogo, no Rio de Janeiro, a Casa das Palmeiras, que servia para fazer a comunicação entre o hospital e a vida em sociedade, dando apoio aos pacientes egressos do hospital psiquiátrico a fim de evitar a reinternação. Suas idéias permanecem vivas transmitindo beleza, alegria e força para aqueles que acreditam em uma sociedade mais humana, harmônica e justa. Nise da Silveira é uma heroína que permanece vibrante ardendo em nossos corações.

4.5. Arteterapia

Os valores terapêuticos do contato com a arte já estão consolidados com um amplo consenso e para definir o termo arteterapia neste trabalho o pilar é o conceito que enxerga o termo como “um sistema de pontos de vista e atividades que visam manter a melhoria da qualidade e de vida das pessoas com a ajuda da arte”³⁵ e centralizando nesta definição do termo, fica claro que a arteterapia se apresenta como um tipo específico de psicoterapia e ao defini-la como uma forma de psicoterapia devemos olhar para este conceito como originário de arteterapia.

A psicoterapia apresenta-se como “qualquer método de tratamento dos distúrbios psíquicos ou corporais que utilize meios psicológicos e, mais precisamente, a relação entre o terapeuta e o doente”³⁶, a fim de trazer o indivíduo para um estado de equilíbrio emocional, envolvendo o uso de ações psicológicas programadas onde a produção artística ocupa posição de destaque. A criação artística como elemento principal na relação terapêutica viabiliza os meios para a obtenção do reconhecimento pelo indivíduo dos seus problemas possibilitando assim uma mudança de comportamento, e isso acontece por que o indivíduo no momento em que está produzindo artisticamente encontra-se com seus pensamentos e sentimentos onde a expressão da emoção surge trançada com a cognição.

Produzindo arte o indivíduo organiza e reorganiza sua experiência cognitiva e emocional ao criar os símbolos artísticos de suas experiências de desejos, necessidades, auto-imagem, sua relação com o outro, etc. Reorganizar os esquemas cognitivos durante o processo de criação, assim a terapia da arte permite para a pessoa novas possibilidades de interpretação de sua própria situação psicológica. Expressar-se artisticamente proporciona uma melhor compreensão de si e do outro provocando mudanças que envolvem o autoconhecimento, a auto-imagem e o autocontrole.

³⁵ Kulczycki, 1990, p.12

³⁶ Laplanche e Pontalis (2008, p.393)

Emotividade é um comportamento dinâmico, e o aspecto cognitivo só se aplica as estruturas. Assim, não há esse tipo de comportamento, mesmo que estritamente intelectual, que não conteria uma motivação de fatores emocionais. Por outro lado eles não podem existir sem a influência dos estados emocionais de percepção ou compreensão que são a sua estrutura cognitiva.³⁷

A arte realça a espontaneidade expressiva da comunicação em todo o potencial da criatividade humana. Na sua finalidade curativa ocorre a transformação da energia psíquica em imagens que através dos seus símbolos vão revelando conteúdos internos e profundos. A combinação de varias atividades artísticas proporcionam uma compreensão mais criativa da vida. A arte permite uma profunda compreensão de si provocando mudanças internas e permitindo a superação de problemas extraíndo símbolos que libertam pensamentos e emoções. O sujeito observa e dialoga com o mundo e consigo podendo atingir um estado de equilíbrio natural.

A terapia em arte de abordagem junguiana delinea seu caminho nos suportes e materiais para que a energia psíquica estampe os símbolos na criação. Assim os múltiplos estágios da psique retratados nas expressões de produções simbólicas efetuam a comunicação entre o inconsciente e o ego favorecendo a compreensão e resolução de estados afetivos conflitantes proporcionando estruturação e expansão da personalidade por meio da criação artística.

O arteterapeuta atuará como um facilitador do processo criativo, proporcionando à atividade terapêutica diversos materiais adequados para produção de cada indivíduo. A diversidade dos materiais expressivos deve atender as necessidades da singularidade de quem produz e assim instrumentalizar a criatividade que desbloqueia e torna conscientes informações guardadas na sombra³⁸. Assim por meio dos materiais para desenhar e pintar os símbolos irão se manifestar para que os indivíduos entrem em contato com aspectos a serem compreendidos reestruturados e transformados. Como linguagem metafórica do inconsciente, os símbolos contêm em si próprios os significados e as soluções para todos os enigmas psíquicos. Cabe ao arteterapeuta disponibilizar os instrumentos necessários para viabilizar este processo.

O símbolo possui função reveladora do eixo de si mesmo, fazendo o intercambio entre o que é desconhecido, o inconsciente individual e coletivo, e a consciência. Ele reúne a energia psíquica permitindo que o indivíduo mergulhe nos níveis mais profundos e desconhecidos do seu próprio ser. Ao entrar em contato com essas descobertas o individuo pode se aprimorar e crescer.

³⁷ Piaget (1996)

³⁸ No homem, a sombra contém uma maior quantidade de natureza animal do que qualquer outro arquétipo. Em virtude de suas raízes muito aprofundadas na história evolutiva, é este provavelmente o mais poderoso e potencialmente o mais perigoso de todos os arquétipos. É a fonte de tudo que há de melhor e de pior no homem, particularmente em suas relações com pessoas do mesmo sexo. (Hall e Nordby, INTRODUÇÃO A PSICOLOGIA JUNGUIANA. p. 40.)

(...) os símbolos nada mais são do que um horizonte para o qual o ser humano direciona o seu caminhar. Eles são as testemunhas de algo ausente, ao mesmo tempo em que eles movem o ser humano em sua direção na tentativa de tornar essa ausência uma presença. Eles são os porta-vozes do desejo e da esperança humana por uma realidade que faça sentido e que satisfaça o ser humano em suas angústias anteriores pela busca de um universo que ele possa se sentir amado. (ALVES apud REBLIN, 2009, p. 119).

Esses estudos de Jung produziram fortes impactos na arteterapia alimentando intensos debates a cerca do universo imagético na compreensão do psiquismo com a valorização da análise das imagens simbólicas nas produções artísticas de abordagem psicoterapêutica criando novos conceitos a respeito dos processos psíquicos.

Abordando o simbolismo nas artes plásticas, evidenciamos o trajeto histórico dessa maneira de expressar-se, pontuando e identificando desde a pré-história, com as pinturas rupestres, até os dias atuais os aspectos simbólicos. As incontáveis projeções do simbolismo humano nas artes nos remetem as imagens pessoais e impessoais amplamente abordadas por Jung gerando forte e marcante influencia do seu pensamento nas praticas de terapia em arte.

5. Jackson Pollock

Pollock foi um importante pintor americano referencia do movimento expressionista abstrato. Começou seus estudos em Los Angeles e depois se mudou para Nova Iorque onde desenvolveu a técnica de pintura criada por Max Ernst³⁹, o “Dripping”⁴⁰. Através da técnica do “dripping”, Jackson Pollock tornou-se um dos representantes máximos do expressionismo abstrato. “Estabeleceu as bases do ‘action painting’” construindo uma forma intuitiva de pintar com seus impulsos e movimentos projetando a tinta na tela de forma espontânea.

A identidade do trabalho deste pintor é o gesto espontâneo, a liberdade da improvisação, a expressão da sua personalidade. As influencias do automatismo psíquico apresentam-se fortes e evidentes sendo possível observar a movimentação intuitiva e inconsciente como força na criação do artista. As formas alcançadas deixam claras as afinidades com o bimorfismo surrealista na qual as imagens obtidas enfatizam as ligações entre arte e vida, entre arte e natureza em suas formas orgânicas. A “action painting” com sua ausência de modelos, a idéia espontânea formadora do trabalho artístico no gesto explosivo do pintor com o improviso e a falta de projeto preliminar. O artista desintegra a realidade no expressionismo abstrato criando sua própria dicção.

"Prefiro atacar a tela não esticada, na parede ou no chão... no chão fico mais à vontade. Sinto-me mais próximo, mais uma parte da pintura, já que desse modo posso andar em volta dela, trabalhar dos quatro lados, e literalmente estar na

³⁹ Pintor alemão naturalizado americano e depois Frances (02/04/1891-01/04/1976)

⁴⁰ Forma de pintura em que a tinta é gotejada ou derramada na lona.

pintura... Quando estou em minha pintura, não tenho consciência do que estou fazendo." ⁴¹

Pollock apresentava problemas psicológicos agravados pelo alcoolismo que acabaram levando ele para um hospital psiquiátrico em busca e resposta para o seu comportamento. Onde ele acabou se aproximando da terapia psicanalítica junguiana. Ele foi internado e passou a levar os seus desenhos para as seções de terapia. Com dificuldades de expressar sua condição através da linguagem verbal, e os seus desenhos abriram um novo canal de comunicação dele com o terapeuta facilitando o dialogo.

A relação homem-animal por simbolizar a natureza primitiva e instintiva do humano despertava grande fascínio em Pollock aumentando ainda mais seu interesse na doutrina junguiana. Associações com os povos indígenas americanos e a figura do xamã também intrigavam e levantavam questões ao pintor, O xamã segundo a teoria junguiana passava por um ou mais ciclos de nascimento, morte e renascimento, sendo este um dos assuntos discutidos em seus aspectos por Jackson com seus terapeutas⁴². O xamã possuía algumas definições, e ele como um mediador entre os reinos animal e humano permitiam a Pollock experimentar uma sabedoria que o impressionava e estimulava.

Sempre me impressionei muito com as características plásticas da arte dos índios americanos. Os índios têm uma verdadeira abordagem de pintor, nas suas capacidades de se apropriarem das imagens e no seu discernimento do que é tema de pintura (...) algumas pessoas encontram referências à arte e caligrafia dos índios americanos em partes do meu trabalho. Não foi intencional; foi provavelmente o resultado de antigas memórias e entusiasmos. (...) A arte e a mitologia arcaicas contêm símbolos eternos (...) dos medos e motivações primitivos do homem.



Figura 3

Jackson Pollock. Xamã a dançar 1939/40
Lápis de cor sobre papel 38x29cm
Coleção particular

⁴¹ Jackson Pollock (1912 - 1956)

⁴² Leonhard Emmeling. Jackson Pollock, p. 10

Jackson manteve uma consciente relação com a psicologia junguiana, seus desenhos psicanalíticos revelam esse forte contato com ela. Os conceitos de anima⁴³ e animus⁴⁴ unem à obra a filosofia de Jung. O trabalho “Macho e Fêmea” cria intenso diálogo com a filosofia junguiana.



Figura 4

Jackson Pollock. Macho e Fêmea 1942
Óleo sobre tela, 186x124cm
Philadelphias Museum of Art

⁴³ O arquétipo anima constitui o lado feminino na psique masculina

⁴⁴ O arquétipo animus constitui o lado masculino na psique feminina

Outros trabalhos também se associam a simbologia psicanalítica impregnada de primitivismo com teor marcadamente sexual transportado dos mecanismos do inconsciente uma marca do movimento surrealista nos trabalhos; “Mulher Lua”, figura 5, e “Mulher Lua Loca” figura 8;

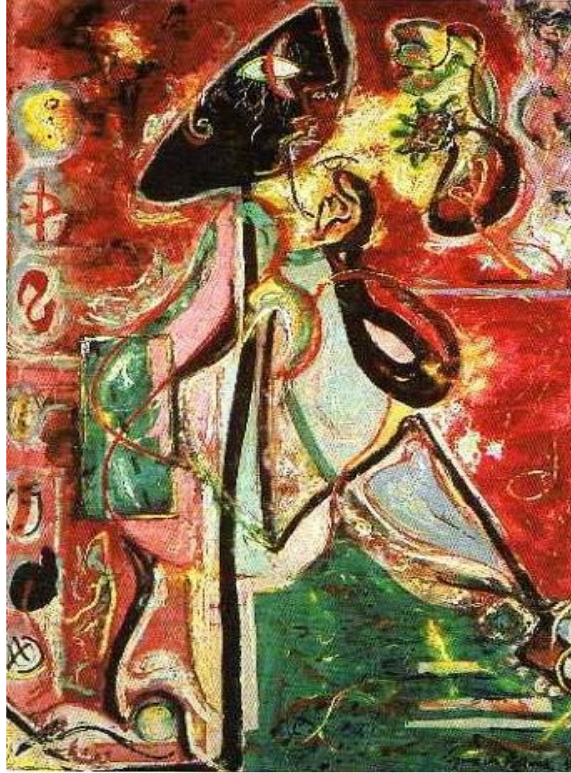


Figura 5. Jackson Pollock. *Mulher-Lua*, 1942.
Óleo sobre tela, 175x109cm. Coleção particular

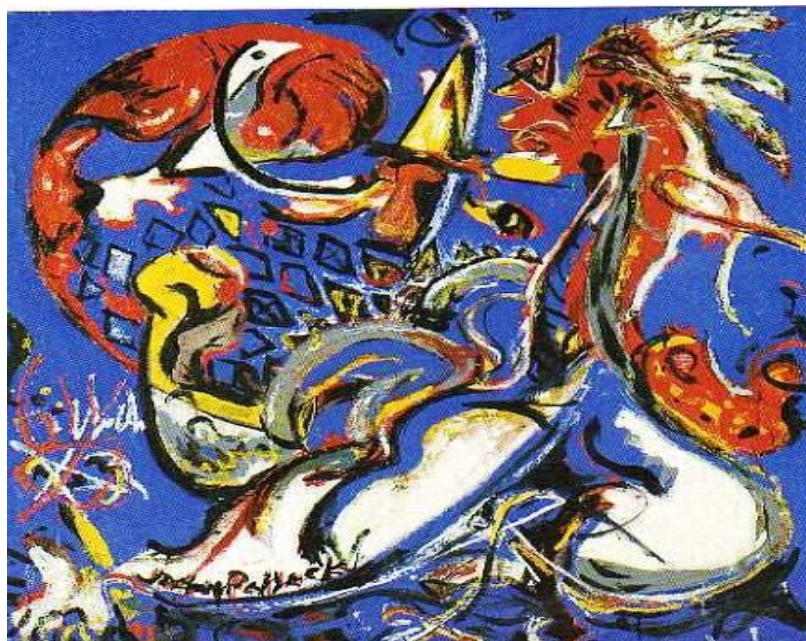


Figura 6. Jackson Pollock. *Mulher-Lua corta o círculo*, 1943.
Óleo sobre tela, 110x104cm. Centre Georges Pompidou.

6. Ateliê Experimental de Pintura Expressiva na Unidade de Internação de São Sebastião

No segundo semestre de 2013 cursei a disciplina Estágio Supervisionado em Artes Plásticas 3 (157121), obrigatória na grade curricular do curso de Licenciatura em Artes Plásticas da Universidade de Brasília, que tem como objetivo o desenvolvimento de atividades teórico/práticas, divididas entre estágio de regência em espaços que implementam situações de ensino e aprendizagem e a elaboração de reflexão teórica e propositiva a cerca do processo empírico⁴⁵.

Por ocasião das atividades práticas da disciplina desenvolvi a regência do estágio supervisionado na Unidade de Internação de São Sebastião – UISS, localizada no Complexo Penitenciário da Papuda na rodovia DF – 463 km 04. Busquei como objetivo na pratica do estágio refletir sobre o impacto efetivo da arte educação na reinserção social do menor infrator, descrever e analisar as relações entre a produção artística no sistema penal e suas ações efetivas.

O estudo pretendeu evidenciar em linhas gerais pela análise do material coletado na pratica do estágio questões pontuais relativas à vida no cárcere e, principalmente observar como a arte educação, em especial a pratica de desenho e pintura, podem estimular as medidas socioeducativas

A internação marginaliza e discrimina o individuo que passa a ser taxado permanentemente de criminoso dando face ao estigma que o acompanhará. Longe de imaginar que os menores infratores são vitimas sociais, pois cada indivíduo é detentor de uma história particular⁴⁶. A sanção penal sempre constitui um estigma social que acompanhara o menor infrator mesmo após sua libertação. Contudo é importante perceber uma educação que privilegie a busca pela formação de um cidadão consciente de sua realidade.

A Unidade de Internação de São Sebastião assemelha-se a um presídio, corredores longos e estreitos, grades, iluminação deficiente e pouca ventilação, quartos/celas com duas camas de alvenaria e um banheiro em péssimas condições, um refeitório e dois pátios utilizados para prática desportiva, recreação e banho de sol. A unidade possui nove salas para

⁴⁵ Ementa programa da disciplina disponível em:
https://wwwsec.serverweb.unb.br/matriculaweb/graduacao/disciplina_pop.aspx?cod=157121

⁴⁶ Não importa o que fizeram com você. O que importa é o que você faz com aquilo que fizeram com você. Sartre(1905-1980).

prática pedagógica, onde os menores fazem encontros pela manhã e pela tarde com os educadores para aulas de temas específicos como educação ambiental, operações matemáticas, língua portuguesa e artes.

As visitas familiares acontecem nas tardes de domingo. Os familiares passam por revista rigorosa na entrada, não sendo permitida a entrada de alimentos, roupas, objetos pessoais e eletrônicos. A unidade fornece transporte aos familiares, no trajeto rodoviária de Brasília – UISS – UISS – rodoviária de Brasília. Os adolescentes internados na unidade são aqueles que aguardam julgamento e o tempo máximo de permanência são de 45 dias.

As atividades desenvolvidas no atelier de pintura experimental objetivou identificar localizar e descrever a práxis e sua projeção histórica. O desenvolvimento das atividades gerou forte impacto despertando o interesse do corpo pedagógico, dos agentes de segurança e dos internos. Durante a fase de regência foram realizadas experiências com pintura expressiva no atelier experimental, objeto de pesquisa, em conformidade com a realidade carcerária e “rotatividade do contingente entre os meses de setembro e dezembro de 2013 as segundas e quartas feiras totalizando 21 encontros.

Nos primeiros contatos na fase da regência estiveram dispostos para a realização das atividades, papel branco A4, lápis HB e caneta esferográfica. Sempre estimulados pela música de Mozart⁴⁷, Tchaikovsky⁴⁸ e MV Bill⁴⁹. Assim o resultado apresentou-se expresso desde simples rabiscos a complexas composições como podemos observar nas imagens a seguir:



Figura 7 . Desenhos dos internos da Unidade de Internação de São Sebastião
Caneta esferográfica sobre papel sulfite A4

⁴⁷ Wolfgang Amadeus Mozart, compositor da era clássica.

⁴⁸ Piotr Ilitch Tchaikovsky, compositor romântico russo

⁴⁹ MV Bill é um *rapper*, ator, escritor e ativista brasileiro

A experiência evidenciou em sua expressão fundamentalmente os problemas sociais, relacionamentos familiares, sonhos, medos, dúvidas e inquietações. As emoções expressas no produto, à amplitude imaginária revelada pela experiência estética sinalizam a transposição dos limites, barreiras, muros e grades enfrentados no cotidiano opressivo do cárcere. A atividade proposta demonstrou um importante aspecto terapêutico atendendo a necessidade de retirar da ociosidade os internos, resgatando a autoestima e os valores individuais. O fortalecimento psíquico pode libertá-lo dos preconceitos arraigados na cultura do cárcere gerando posições de enfrentamento do estigma que acompanhará esse jovem ao longo de sua vida.

A produção artística no ateliê experimental estimulou a reabilitação dos internos ao proporcionar exercícios de suas capacidades, seletivas e imaginárias organizadas em torno da aprendizagem artística e estética. A produção artística estimulou a expressividade dos freqüentadores do ateliê estabelecendo uma relação de afeto⁵⁰ com o educador promovendo a reintegração do interno.

Os internos, privados de liberdade, são portadores de depressão, dificuldade de relacionamento, ansiedade entre outras patologias. Através da prática da pintura expressiva eles foram retirados da ociosidade. A expressão artística passou a proporcionar autoconhecimento, auto-aceitação e, pela observação da própria produção, o interno se vê, toma consciência e pode se corrigir.

7. conclusão

Segundo a arteterapeuta Joya Eliezer, em sua tese de mestrado, Um estudo da criatividade artística e da elaboração estética em estudantes de artes através do psicodiagnóstico de Rorschach, defende a arte como instrumental terapêutico que facilita a inclusão social de pessoas em reabilitação. “As diferenças diminuem e a inclusão social é mais rápida” aponta. “A atividade artística bem dirigida pode harmonizar o corpo em movimento. Ao fazer arte, isso decorre da postura correta, da relaxação promovida pela atividade, pela diminuição das tensões, o que se observa principalmente na arte-reabilitação”. Conclui. Um importante benefício da utilização da arte no contexto ressocializador é o fato de

⁵⁰ A afetividade não me assusta que não tenho medo de expressá-la. Significa querer bem a maneira que tenho de esteticamente selar o meu compromisso com os educandos, numa prática específica do ser humano. Na verdade preciso destacar como falsa a separação radical entre *serenidade docente* e *afetividade*. Não é certo, sobretudo do ponto de vista democrático, que serei tão melhor professor quanto mais severo, mais frio mais distante e “cinzento” me ponha nas minhas relações com os alunos, no trato com os objetos cognoscíveis que devo ensinar. A minha abertura ao bem querer significa a minha disponibilidade à alegria de viver. Justa alegria de viver, que, assumida plenamente, não permita que me transforme num se “adocicado” nem tampouco num ser arestoso e amargo. (FREIRE, Pedagogia da Autonomia, saberes necessários a prática educativa – SP, 1996)

o indivíduo passar a pertencer a um grupo, saindo da negatividade e da obscuridade. Funciona com um passaporte em que o indivíduo passa de uma identidade negativa para outra mais bem aceita socialmente, a da pessoa que produz arte.

A humanidade utiliza a arte desde os primórdios para materializar componentes do seu universo psíquico expressando no nível concreto imagens internas abarrotadas de força psíquica. Participando do processo de ressocialização a terapia da arte pode contribuir para se traçar o perfil psicológico dos apenados contribuindo para a melhoria da qualidade de vida desses, combatendo as patologias decorrentes do encarceramento como a depressão e a ansiedade. Em face de possibilidade de organização emocional, intelectual e espiritual da personalidade do indivíduo o programa de arteterapia com os apenados pode ainda combater a reincidência do comportamento criminoso fortalecendo psicologicamente o indivíduo para o convívio extra-muro.

A terapia da arte apresenta-se como instrumento poderoso no processo de ressocialização dos apenados uma vez que envolve os níveis emocional, cognitivo, sensório-motor e intuitivo mobilizando a totalidade da pessoa. Podemos ao levar essa oportunidade para os apenados motivar o espírito criativo neles, estimulando-os a buscar e a encontrar novas formas de fazer e ser na vida, incorporando mais qualidade em seu cotidiano, levando uma forma de vida mais criativa. As expressões artísticas acessam conteúdos que estão precisando vir à tona através do fluxo de imagens do inconsciente revelando a interioridade do indivíduo que comunica o seu modo de ser e dialoga este com o mundo exterior.

Anexo

Plano de Aula

A pintura como método de inclusão social e educação em Direitos Humanos. Quando pensamos em um mundo melhor desejamos o fim da violência, a igualdade entre os sexos, o fim da pobreza, o respeito às diversidades e etc. desejos de questões sociais que aparecem com frequência nas artes em alguns momentos históricos, artistas se engajaram conscientemente em movimentos e causas específicas. O movimento Pop no Brasil, por exemplo, protesta contra a ditadura militar nos anos 1960 e 1970.

Público alvo:

Menores infratores com idade de 12 a 17 anos apreendidos na Unidade de Internação de São Sebastião, no Complexo Penitenciário da Papuda.

Habilidades / Competências:

Desenvolver no interno a capacidade de dialogar consigo mesmo e com a coletividade utilizando os recursos da produção da imagem pintada. Instigar a liberdade através da pintura favorecendo ao interno reconhecer-se sujeito capaz de protagonizar sua própria história, expressar seus sentimentos e visão sobre questões da sociedade em que vive.

Metodologia:

Desenvolvido através de metodologia de ensino-aprendizagem participativa o interno, de modo a possibilitar a construção coletiva de conhecimentos e incentivar a busca do conhecimento. Serão utilizadas estratégias diversificadas, alternando aulas de desenho, pintura com lápis de cor, giz de cera, guache, colagem, trabalhos individuais e em grupos. Aprender fazendo.

Avaliação:

A avaliação dar-se-á ao longo do projeto por meio da participação e do compromisso. Será considerada a participação do interno nas atividades desenvolvidas, bom como a qualidade do desempenho nos trabalhos propostos e produção de portfólio dos trabalhos realizados no ateliê experimental.

Materiais:

Cola, revista, papel colorido, papel de seda, cartolina, tinta guache, purpurina, lantejola, sabão, toalha, etc.

Ninguém liberta ninguém. As pessoas se libertam em comunhão. (Paulo Freire)

Referencias Bibliográfica

ARGAN, Giulio Carlo. Arte Moderna São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BONAVIDES , Paulo. Curso de Direito Constitucional. São Paulo: ED.Malheiros, 1993

CARDOSO; Maria Cistina Vidal. A Cidadania no Contexto da Lei de Execução Penal: o (dês)caminho da inclusão social do apenado no sistema penitenciário do Distrito Federal

DE ASSIS, Damaceno. A realidade atual do sistema penitenciário brasileiro. Revista CEJ, Brasília 2007

FARIAS, Junior. Manual de Criminologia 3 Ed, Curitiba 2002

FREAZA, Carmem. A Obra de arte e o Artista (www.casajungearte.com.br)

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia, Saberes Necessários à Prática Educativa SP, 1996

IORELLI, José Osmir. PSICOLOGIA JURIDICA

LAFER, Celso. A reconstrução dos direitos humanos: um diálogo com o pensamento de Hannah Arendt. 6. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006

RAMOS, Luís Marcelo Alves. Apontamentos Sobre a Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung

SUN, Érika Wen Yih. Arquitetura Prisional em Contexto uma Reflexão sobre as Interações que regem as decisões em um projeto de arquitetura de estabelecimentos penais

TEIXEIRA, António Braz. Sentido e Valor do Direito: Introdução à Filosofia Jurídica.

MIRABETE, Julio Fabbrini. Processo Penal. São Paulo: Atlas, 2002

MIRANDA, Jorge. Manual de direito constitucional. 3. ed. Rio de Janeiro 2000.

NORDBY, Vernon J e Calvin S. Hall. Introdução à Psicologia Junuiana (Cultrix)